

PRELÚDIOS DO GOZO: ANGÚSTIA E EROTISMO NA PROSA DE HILDA HILST

Mariana Pinheiro Ramalho (UFPB)¹
Hermano de França Rodrigues (UFPB)²

Resumo: Baseando-se nas definições da psiquiatria do século XIX, Sigmund Freud debruça-se sobre a criança e sobre sua característica perverso-polimorfa, afirmando que ela seria capaz de experimentar o prazer em múltiplas formas, em diversas zonas do corpo e com inúmeros objetos. À vista disso, analisamos como a polimorfia perversa se apresenta na personagem Lori, da obra “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, escrita por Hilda Hilst, em 1990. A protagonista relata em seu caderno que gosta e sente prazer nos encontros que realiza ao longo da narrativa. Destarte, o trabalho tem como objetivo analisar os espectros da sexualidade experienciados por Lori, com base nos estudos de Freud (1905).

Palavras-chave: Hilda Hilst; perversão; psicanálise.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise psicanalítica, com base nas teorias freudianas, das características perverso-polimorfas alojadas na protagonista Lori, da obra erótico-pornográfica *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst, que foi publicado pela primeira vez em 1990, pela editora Massao Ohno Editor. O livro escolhido como objeto de estudo trata da história de Lori, uma criança de 8 anos, que vende seu corpo por incentivo de seus pais proxenetas, e sente prazer sendo prostituída, principalmente por causa do dinheiro e do que o poder aquisitivo pode oferecê-la. Ela relata suas experiências com uma linguagem bastante infantilizada, descrevendo, com detalhes, os encontros que tem com seus clientes desde a primeira página. A garota constrói uma relação mais próxima com um dos homens, o tio Abel, fazendo uma viagem com ele e até trocando cartas quando este não estava com ela.

Dentro da narrativa, está inserida uma história à parte, *O caderno negro*, que primeiramente é tida como um conto enviado por Abel para Lori, em uma de suas cartas, onde Edernir narra a sua primeira e desastrosa relação sexual com Corina, Dedé e o jumento de pelos pretos, Logaritmo. A narrativa conta com um desfecho confuso, gerando ambiguidade na conclusão do leitor, fazendo-o pensar se a escrita seria

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: <ramalhomari@hotmail.com.>

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orientador do presente trabalho. Contato: <hermanorgs@gmail.com>

realmente de Lori, para auxiliar na situação financeira e no sucesso do pai, ou se tudo não passaria de uma criação do pai da garota, apelando para a escrita erótica, visando alcançar o sucesso editorial que ele tanto almejava.

Lori, durante toda a sua narrativa, relata que sente prazer em diversos locais do corpo, até mesmo naquele que são menos esperados, como o nariz e os ouvidos, enaltecendo na personagem a característica de *perverso-polimorfa*, estudada por Freud em seus escritos sobre os esclarecimentos sexuais das crianças. Reconhece-se, então, neste trabalho, a existência da crítica ao mercado editorial realizada por Hilda Hilst ao escrever e publicar o romance aqui trabalhado, não excluindo essa característica da obra em nenhum momento da análise. Todavia, a finalidade deste é estudar a subjetividade da personagem Lori Lamby, tomando como base as diretrizes psicanalistas dadas pelo mestre genebrino nos anos de suas respectivas publicações acerca do tema abordado.

A dinâmica da perversão

São inúmeros, até hoje, os códigos de conduta e os tabus presentes na sociedade, que pregam uma norma com base numa utopia do desejo. Os discursos religiosos são um exemplo que sempre subjugou as possibilidades sexuais que levassem em conta a visão psicanalítica de uma pulsão sexual infantil existente, e, ainda por cima, perversa. O sexo sempre foi limitado pelas religiões ancoradas na tradição judaico-cristã a um estado inferior, passível de condenações, restrições e punições divinas e humanas. A sexualidade, no meio social, prosseguia em meio à busca enclausurada pelo prazer, e aqueles que fugiam da norma – o fetichista, o sádico, o masoquista, o incestuoso, o necrófilo – eram ditos como doentes, tarados e degenerados, ou seja, uma raça ruim, sendo praticamente exilados da própria civilização.

Em sua origem, a palavra perversão, quando relacionada à época medieval, está carregada de juízo de valor, sendo o perverso contrário aos padrões aceitos, à direção do juízo, ou à lei. Até o século XVI – período em que os historiadores consideram de desenvolvimento e imposição da civilização ocidental – Foucault, em sua obra *História da Sexualidade* (1979) considera que as práticas sexuais eram exercidas abertamente, faladas espontaneamente pelos ocidentais. É, no século XVII, que a sexualidade passa a ser reprimida, com a ascensão da burguesia e a afirmação da família conjugal como núcleo primordial. O único e válido objetivo para o sexo é a reprodução, tornando sua

discussão um total tabu, sendo regulada e controlada por um código externo ao sujeito. É, portanto, juntamente com as obras do Marquês de Sade e o individualismo burguês, no século XVIII, que a perversão torna-se a experiência de uma desnaturalização da sexualidade que imita a ordem natural do mundo ³.

O termo passou a ser utilizado na medicina do século XIX, sendo incluído no vocabulário da profissão como uma degradação ou modificação para pior de uma função orgânica⁴. Em meados do século XIX, inserida no contexto dessa sexualidade restrita, a medicina começa seus estudos sobre a sexualidade humana. Pierre-Jean-Georges Cabanis (1843) foi o primeiro a definir a sexualidade como estabelecimento de relações interpessoais, sendo seguido por Wespall (1870), definindo a “inversão sexual” como patologia hereditária, Lasègue (1877), com suas definições sobre exibicionismo, Krafft-Ebing (1879), que dividiu as anomalias sexuais em anestesia, hiperestesia, paradoxia e parestesia, e finalizando o século, Binet (1887), reconhecendo o fator hereditário como essencial constituinte das perversões e Ellis (1897) publicando *Estudos da Psicologia Sexual*.

Sigmund Freud, neste mesmo século, começa a estudar a perversão, partindo das definições médicas que estavam em vigor na época, e seu trabalho se deu por um longo caminho de intrincadas buscas e revisões. Em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), o pai da psicanálise debruça-se sobre as definições de pulsão sexual, economia psíquica e polimorfia. Em *Fetichismo* (1927), mostra que o perverso não consegue libertar totalmente o seu eu da realidade exterior.

Elisabeth Roudinesco (1944) escreve que a perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas.⁵ Na visão psicanalítica atual, o perverso não se encaixa nas demais patologias, libertando-se de uma condenação de ordem legal e social, não sendo mais visto como perversos a partir do momento em que a Lei não os define como perigosos para a sociedade⁶, e o perverso passa a ser visto como um certo modo de pensar.

O desejo perverso

³ ROUDINESCO, 1944, p. 57.

⁴ FERRAZ, 2010, p. 22.

⁵ ROUDINESCO, 1944, p. 15.

⁶ Ibid., p. 195.

Imerso pelas correntes clássicas dos psicopatólogos que o antecederam, Sigmund Freud lança suas primeiras análises sobre perversão com um olhar mais científico do que moral. Em 1905, o mestre vienense retoma o termo perversão, desta vez sem uma carga pejorativa ou com a presença de juízo de valor, relacionando-o à sexualidade, numa linguagem bastante objetiva.

As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados — sua “sublimação” — destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. (FREUD, 1905, p.55-56).

Nos *Três ensaios*, Freud apresenta, pela primeira vez, o conceito de perversão, alegando a presença contínua de características perverso-polimorfas na vida adulta, sendo essa uma particularidade da sexualidade pré-genital infantil, esclarecendo a polimorfia como:

período da vida durante qual uma certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos. (FREUD, 1907, p. 125).

Nota-se, nos estudos do psicanalista, que sua inovação se dá quando ele não considera apenas que a sexualidade se inicia na infância, mas que esta sexualidade infantil será o esboço da sexualidade do adulto. O perverso se dá como aquele que não amadureceu psiquicamente, sendo domado por suas pulsões parciais. A partir da *Carta 71*, em 1897, Freud atualiza sua teoria pelo descobrimento do “efeito arrebatador de Édipo-Re?”.

A partir daí ele reconhece que as moções sexuais atuavam normalmente na criança desde a mais tenra idade, sem nenhuma necessidade de estimulação ou de sedução externa por parte de um adulto. (CECCARELLI, 2009, p. 319).

Então, Freud (1905) observa que certos adultos se mantêm na prática de algum comportamento sexual de forma única, mais como defesa do que como capacidade de suportar a liberdade sexual, pois, na infância, os diversos espectros da sexualidade coexistiam sem uma organização em torno de si. Desse modo, a continuidade de uma sexualidade infantil perverso-polimorfa contextualizaria o perverso.

As definições começam a ficar mais claras quando o pai da psicanálise compara a neurose com a perversão, concluindo que, embora ambas tenham sua origem na sexualidade infantil, as neuroses são resultados de uma repressão mal sucedida, ao passo que as perversões “ignoraram” as repressões e foram resultados de uma integração falha. Enquanto o neurótico recalca suas ideias, substituindo a própria

realidade por uma subjetiva, o desejo aparece no perverso como vontade de gozo, isento de qualquer culpa, sabendo exatamente o que quer realizar e o motivo. As neuroses, dizia Freud, eram o “negativo” das perversões.

Em seu trabalho *Fetichismo*, Freud define o fetiche, declarando que o mesmo “se destina a preservar o pênis da extinção. O fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que não deseja abandonar”.⁷ Esse substituto será algo que o menino, de fato, viu ou fantasiou na hora que seus “olhos” enxergaram a genitália feminina.

Em algum ponto de fixação, o perverso resiste, e essa resistência é chamada de *recusa* (*Verleugnung*), sendo esse o mecanismo de defesa e de construção do fetiche, utilizado na perversão, ou seja, o sujeito nega e enxerga, ao mesmo tempo, a ausência do pênis na mãe. A recusa da realidade consiste na recusa da aceitação da inexistência do pênis na mulher (mãe), juntamente com as angústias e frustrações derivadas da ameaça da perda, ou seja, a saída encontrada na formação da estrutura perversa nada mais é que um meio de contornar a realidade inelutável da castração⁸.

O perverso utiliza o saber da sexualidade da vida adulta com o gozo da sexualidade infantil. Em *Clivagem do ego no processo de defesa*, Freud (1940) reforça esse pensamento, trazendo a ideia de que existe uma clivagem intrapsíquica que permite a coexistência de duas realidades que não se influenciam. Enquanto uma considera a realidade, a outra a nega, trocando-a pelo seu próprio desejo, sendo esse, juntamente com sua irrealização, uma das características essenciais da perversão. Por oposição, o perverso criará um cenário para sua vida sexual em que a castração seja constantemente negada.

Alguns indivíduos perversos entendem que suas ações são aprovadas mediante uma autorização especial, ou que a sua sexualidade é “superior” à sexualidade comum, o que lhe faz ter orgulho da sua técnica e singularidade. Essa afirmação de superioridade pode ser oriunda dos vestígios da sexualidade infantil, como afirma Claire Pajazckowska, baseando-se nas teorias freudianas:

(...) pode ser um elemento da onipotência infantil que permeia as fantasias pré-genitais ou parte do mecanismo de negação que implica conscientizar-se da inferioridade da sexualidade infantil diante da potência heterossexual plena do adulto. (PAJAZCKOWSKA, 2005, p. 70-71).

⁷ FREUD, 1927, p. 155.

⁸ FERRAZ, 2010, p. 42.

Assim, o perverso conseguiria viver uma vida aparentemente normal, segundo as diretrizes sociais e, ao mesmo tempo, manter comportamentos não aceitos pela sociedade.

A angústia erótica

Hilda de Almeida Prado Hilst, conhecida popularmente como Hilda Hilst, é uma escritora brasileira que alega ter começado a escrever para impressionar seu pai, pois queria ser reconhecida por ele. É autora de diversos romances e livros de poemas, e ganhou o prêmio Jabuti em 1993, pelos contos de *Rútilo nada*. Nossa discussão debruça-se sobre a obra *O caderno rosa de Lori Lamby*, escrito em 1990, com a alegação da escritora de que essa obra seria seu adeus à “literatura séria”, sinalizando o início da sua fase pornográfica. A obra foi traduzida para o italiano no mesmo ano no qual foi lançada, e em 1999, foi encenada nos palcos sob a direção de Bete Coelho.

O livro traz em si uma escrita puramente pornográfica, explicitando cada detalhe das relações que Lori mantinha com diversos clientes escolhidos por seus pais. A narrativa é feita na visão da menina de oito anos, que utiliza seu próprio vocabulário para explicar os acontecimentos que cercam a sua infância, sendo explicitado na frase “Eu vou contar tudo do jeito que eu sei porque mamãe e papai me falaram para eu contar do jeito que eu sei”.⁹ No final do livro, Hilda Hilst deixa o leitor curioso, sem saber se Lori realmente existia, ou se ela era apenas uma criação literária de seu pai para que a editora pudesse vender o livro.

A análise tem como foco a protagonista Lori, que, ao longo do romance, deixa explícito em si características da polimorfia perversa, sendo esta uma particularidade definida por Sigmund Freud, em seus mais diversos trabalhos, nos quais o pai da psicanálise esclarece a sexualidade infantil, mesmo este sendo um assunto carregado de preconceitos, que não eram destrinchados na época que seus estudos foram lançados. A noção freudiana de sexualidade defende a ideia de que a sexualidade humana não é instintiva, pois o homem busca o prazer e a satisfação através de diversas modalidades, baseadas em sua história individual e ultrapassando as necessidades fisiológicas fundamentais. Assim, se a sexualidade se inicia com a anatomia (no nascimento), sua

⁹ HILST, 1990, p.8.

conquista depende de um longo percurso durante a construção da subjetividade da criança.

Baseando-se na definição de Freud (1907) para auto-erotismo, podemos inferir que Lori utiliza das diversas partes do seu próprio corpo para satisfazer todos os desejos que lhe são permitidos, mesmo com tão pouca idade. “Então ele começou a passar a mão na minha coxa que é muito fofinha e gorda (...). Eu gosto muito quando passam a mão na minha coxinha”.¹⁰ Nota-se que, na frase da protagonista, ela se detém numa zona erógena que não se é esperado pelo leitor sentir prazer tão facilmente apenas com o toque na sua coxa.

Lori conta para seus pais, em nenhum momento da narrativa, os diversos prazeres que sente nos seus encontros com os homens escolhidos por eles, dando a entender que seria – mesmo que infimamente – julgada por ter prazer de múltiplas formas. Freud, em seu trabalho *Sobre as teorias sexuais das crianças*, explana qual a causa desse conflito na mente da criança.

(...) a criança experimenta seu primeiro ‘conflito psíquico’, pois certas concepções pelas quais sente uma preferência instintual não são consideradas corretas pelos adultos e contrapõem-se a outras defendidas pelas autoridades dos mais velhos, as quais, entretanto, não lhe parecem aceitáveis. (FREUD, 1996, p. 194).

São diferentes os locais nos quais Lori recebe um afago ou um passar de língua dos seus clientes. Porém, em todos eles, a garota sente o prazer percorrendo por seu corpo, e expressa em seu caderno da forma mais fácil que ela consegue explicar, deixando mais uma vez explicitado as definições de polimorfia-perversa dadas por Freud, em que a criança é excitada por toda a sua zona erógena, assim como pelos diversos estados afetivos nos quais ela se encontra. Nesse sentido, esta característica torna-se evidente na seguinte passagem: “Você sabe que ele pôs a língua dentro do buraquinho do meu nariz? E do buraquinho da minha orelha? (...) Que gostoso isso da gente ter tantos buraquinhos.”¹¹.

O leitor vai sendo surpreendido a medida que a história se desenrola, podendo enxergar Lori como uma mulher com diversas experiências sexuais prévias – mesmo tendo apenas oito anos de idade – pelas simples descrições que ela faz dos seus momentos de prostituição, conseguindo acender no receptor da mensagem um misto de

¹⁰ HILST, 1990, p. 9.

¹¹ Ibid., p. 74.

repugnância e curiosidade, sentimentos negativos, os quais foram construídos por uma sociedade repleta de tabus.

Considerações finais

A sexualidade das crianças é um assunto ainda difícil de ser discutido, pois, mesmo que Freud tenha impactado a sociedade vienense anos atrás, ao propor a ideia de uma infância que se afastava da tradicional noção de pureza e de felicidade ímpar, trazendo à tona uma criança dotada de afetos, desejo e conflitos, ainda hoje existe uma dificuldade em aceitar a sexualidade infantil proposta pelo fundador da psicanálise.

Hilda Hilst, na sua escrita inocente e infantil permeada por Lori, consegue trazer à tona os mesmos sentimentos de negação que surgiram quando Sigmund Freud expôs seus estudos sobre a teoria sexual das crianças, que, em sua época, ninguém sequer cogitava a existência. Em uma sociedade repleta de códigos de conduta e de tabus, na qual a explicitação do desejo é regulada, onde as vozes não circulam fora do exercício do poder – não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer –, Lori consegue mostrar a existência do prazer sexual infantil, sem escrúpulos para realizar o desejo da sua libido.

Referências bibliográficas

- FERRAZ, F. C. **Perversão. Coleção Clínica Psicanalítica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Carta 71. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. IX.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HILST, H. **O caderno rosa de Lori Lamby.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.

PAJAZCKOWSKA, Claire. **Conceitos da psicanálise: perversão.** São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTOS, A. B. R.; CECCARELLI, P. R. **Perversão sexual, ética e clínica psicanalítica.** *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 316-328, jun. 2009.